



**UNIVERSIDADE FRANCISCANA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE PEDAGOGIA**

FATIMA RODRIGUES

**MEMÓRIA E TRAJETÓRIA FORMATIVA: A (RE)SIGNIFICAÇÃO E O
CAMINHO PARA TORNAR-SE PEDAGOGA**

Santa Maria, RS
2022
FATIMA RODRIGUES

MEMÓRIA E TRAJETÓRIA FORMATIVA: A (RE)SIGNIFICAÇÃO E O CAMINHO PARA TORNAR-SE PEDAGOGA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de graduação em Pedagogia, Área de Ciências Humanas, Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Noemi Boer

Santa Maria, RS
2022

MEMÓRIA E TRAJETÓRIA FORMATIVA: A (RE)SIGNIFICAÇÃO E O CAMINHO PARA TORNAR-SE PEDAGOGA¹

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de Pedagogia, Universidade Franciscana, 2022.

Fátima Rodrigues² e Noemi Boer³

RESUMO

Este estudo refere-se à elaboração de narrativas de natureza autobiográfica, advinda de experiências pessoais e da trajetória acadêmica da autora. Para tanto, objetiva-se compreender de que maneira as relações estabelecidas no contexto do curso de Pedagogia podem ter se constituído em barreira ou alavanca para a realização pessoal e profissional. Especificamente, procurou-se realizar um estudo de como é possível se tornar professor e a respectiva conexão entre a profissão docente e a história de vida. Para a análise, são apresentadas 10 narrativas, examinadas à luz de autores contemporâneos, como Josso (2004); Nóvoa (199a e 199b); Cavaco (1999), entre outros. Constata-se que o compartilhamento de histórias de vida e as relações que se estabeleceram no contexto acadêmico permitem refletir a respeito da importância do percurso formativo, como processo contínuo. Portanto, neste caso, ao se elaborar uma narrativa própria, reflete-se sobre a autoformação e, com isso, a exaltação de uma trajetória onde o sujeito é promotor de sua própria história, isto é, encontra-se no lugar do autor de si mesmo.

Palavras-chave: Trajetória formativa. História de vida. Pedagogia. Formação inicial.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre si é uma tarefa singular e, ao mesmo tempo, desafiadora. Singular, pois, muitas vezes, a escrita mobiliza lembranças e sentimentos que vêm à tona, e isso é próprio de cada um. Desafiadora, porque, neste caso, revivem-se sentimentos que, talvez, não mereçam ser lembrados. Nessa perspectiva, considerando a importância de descrever as vivências, exatamente como aconteceram, entre lágrimas, suspiros e algumas pausas para breve recomposição, traçam-se, enfim, estas linhas.

A escrita da trajetória formativa se fundamenta na conexão entre cognição e emoção, entre a aspiração de um propósito pessoal e um sonho. Quem nunca desejou ou sonhou realizar-se profissionalmente? Quem nunca viu, na formação universitária, a possibilidade de mudar de vida? Alguém nunca *esperançou*? Alguém nunca sonhou em melhorar de vida? Mesmo em meio a dificuldades e adversidades cotidianas, acreditando não ser capaz, tudo foi possível, com esforço e persistência. Josso (2005) indica que é necessário investir na busca da felicidade, na busca de si mesmo e de um sentido para viver.

² Formanda em pedagogia, Universidade Franciscana (UFN). E-mail fatimarodriguesfilho@gmail.com.

³ Orientadora. Docente e pesquisadora da Universidade Franciscana (UFN). E-mail noemiboer@ufn.edu.br.

Dessa forma, a busca constante pelo estudo passou a ser uma rotina diária, pois o conhecimento se dá durante o processo de formação, diante das pessoas com as quais nos relacionamos, que experimentam diferentes histórias de vida. Moita (1999, p. 116) afirma que “só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma”. A autora dá destaque às histórias de vida, porque histórias “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (p.116).

No processo formativo se estabelece, então, uma nova identidade profissional, a identidade do professor, que diz respeito ao destino da pessoa em formação e, ao mesmo tempo, formador, fazendo de suas experiências o seu arcabouço existencial. Segundo Nóvoa (1999a, p. 15), “[...] o cerne do processo identitário do docente [...] é produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor”. Em vista disso, foi possível desenvolver uma pesquisa autobiográfica para contribuir com a compreensão desse processo formativo. Sabe-se que as pesquisas de natureza narrativa, biográfica e autobiográfica, não são totalmente novas na área da educação, mais especificamente relacionadas à formação em Pedagogia. No campo pedagógico, entre os estudos encontrados, dois merecem destaque pela aproximação com esta pesquisa: a publicação de Rodrigues e Boer (2017) e o Trabalho Final de Graduação, de Graciano (2020).

No primeiro trabalho, as autoras tecem uma análise sobre o processo formativo e suas contribuições em sala de aula, trazendo os subsídios da pesquisa autobiográfica acerca da trajetória formativa docente da primeira autora. Destacam que “ao investigar no espaço da própria prática, o professor pode apresentar a possibilidade de vivenciar o exercício reflexivo do seu passado, presente e futuro docente” (RODRIGUES; BOER, 2017, p. 118). Em outra passagem, as autoras ressaltam a importância de saber diferenciar conhecimento de saber, conforme a citação: “Tudo o que se abstraiu durante a faculdade, por exemplo, é uma bagagem de conhecimento, já o saber é o que fazer com todo esse conhecimento adquirido, ou seja, não basta ter conhecimento, se não se sabe como utilizá-lo” (p. 122).

No segundo trabalho, a autora-pesquisadora conduz sua autobiografia, trazendo as impressões e significados da infância e a trajetória pessoal, até a opção pelo curso de Pedagogia, como escolha profissional. Conforme Graciano (2020, p.15), “a escrita de narrativas da história de vida de professores e de alunos apresentam potencialidades de conhecimento, relativas à formação e à autoformação”. A autora reafirma que as narrativas de vida são também potencialidades de aprendizagem docente, de identidade profissional, necessárias à compreensão de como os

contextos sociopolíticos e culturais influenciam os processos formativos. Ambas as pesquisas compõem estudos de natureza narrativa, em que o objeto de pesquisa tem, como cerne, o processo formativo pessoal em Pedagogia, permitindo que cada um identifique, na sua história de vida e nas histórias de outras pessoas, aquilo que foi importante como suporte formador.

A partir dessa contextualização inicial, evidenciou-se o seguinte problema de pesquisa: **Que relações podem ser estabelecidas entre a história de vida da autora deste estudo e sua formação no curso de Pedagogia?** Para atender ao problema formulado, estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: Compreender de que maneira as relações estabelecidas no contexto do curso de Pedagogia podem ter se constituído em barreira ou alavanca para a realização pessoal e profissional da autora deste estudo. Especificamente, procurou-se realizar um estudo a respeito de como se tornar professor e a respectiva conexão entre a profissão docente e a respectiva história de vida; identificar as relações e as dimensões e suas influências nas trajetórias de vida e a formação acadêmica; analisar as dimensões, influências e implicações durante a formação no curso de Pedagogia.

No presente trabalho, portanto, apresenta-se a análise de narrativas relacionadas a experiências da trajetória acadêmica da autora. A intenção é realizar uma reflexão sobre a vida pessoal, escolar e profissional e os vínculos entre essas questões no contexto formativo do curso de Pedagogia. Percorrendo as memórias, as histórias de vida, as culturas dos lugares, concomitantes à formação acadêmica, é possível estabelecer relações entre essas diferentes instâncias. Nesses termos, sendo este um texto autobiográfico, ao mesmo tempo em que a autora se coloca numa posição crítica e reflexiva, procura-se oportunizar ao leitor uma visita às memórias. Com isso, acredita-se que as dimensões escolar e acadêmica, narradas em uma história pessoal, possam ser uma maneira de pensar, agir e reagir diante da própria vida e da vida do outro.

METODOLOGIA

A abordagem autobiográfica, opção metodológica escolhida para a realização deste estudo, pauta-se em Josso (2005), que reconhece as potencialidades de análise das narrativas autobiográficas, assim como as relações existentes entre o saber, as experiências e suas passagens na multiplicidade de ideias e das histórias de vida que perpassam o indivíduo. Em vista disso, na presente pesquisa, de abordagem qualitativa, visa-se a proporcionar ao pesquisador um maior conhecimento das dinâmicas entre o sujeito e o objeto de estudo, entre o mundo subjetivo e a subjetividade do pesquisador (BAPTISTA, 1999). De acordo com o autor, as representações subjetivas (percepções e emoções) do autor-pesquisador, da sua história de vida, da casualidade,

da realidade no processo do conhecimento, deverão possibilitar a compreensão da realidade, como uma construção social da qual o pesquisador participa, apresentando a sua interpretação diante dos dados.

Para complementar, recorre-se às palavras de Chizzott, (2000, p. 84): “Na pesquisa qualitativa, todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos, a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio”. Na sequência, o autor explica que é necessário “encontrar o significado manifesto e o que permanece oculto” (p.84) no relato do participante da pesquisa. Por último, reforça que “todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos e todos os seus pontos de vista são relevantes: do culto e do iletrado, do delinquente e do seu juiz, dos que falam e dos que se calam, dos normais e dos anormais” (CHIZZOTT, 2000, p. 84).

Nesses termos, a compreensão das ações dos atores sociais e suas relações expressam o desvelamento que os indivíduos vivenciam em suas interações sociais, ocupando o centro das análises dos significados. De acordo com essas questões, a pesquisa se caracteriza também como uma escrita narrativa, em que se evidenciam acontecimentos e situações valorosos em termos da formação profissional da autora-pesquisadora, visto que a pesquisa narrativa é uma forma de entender a experiência pessoal e social do autor que narra. Para Clandinin e Connely (2011), a construção da pesquisa narrativa deve contemplar a temporalidade, as pessoas, a ação, o contexto e a incerteza, a seguir especificados:

a) A **temporalidade**: consiste na localização das coisas no tempo, pensar sobre elas, pois qualquer evento ou coisa tem um passado, um presente, da forma como são identificados, e também um futuro implícito.

b) As **pessoas**: implica narrar uma pessoa em termos de processo, conhecer histórias sobre a educação de uma criança, por exemplo, as lições ensinadas, as maiores histórias narrativas de cada pessoa, que envolvem mudanças ao longo do tempo, isto é, a formulação de objetos, a medição do sucesso da aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa se constituem em suporte à história narrativa que se pretende analisar, afirmam Clandinin e Connely (2011).

c) A **ação**: centra-se na forma como uma ação foi compreendida, é necessário fazer uma interpretação narrativa daquele sinal antes que o sentido possa ser relacionado a ela. No pensamento narrativo, no entanto, há um caminho interpretativo entre a ação e o significado mapeado em termos de histórias narrativas.

d) O **contexto**: orienta-se quanto à ideia de que ele está sempre presente no pensamento narrativo, fazendo toda a diferença, porque inclui noções do contexto temporal, espacial e de outras pessoas. É necessário para dar sentido a qualquer pessoa, evento ou coisa que se pretenda narrar e analisar. No pensamento narrativo, a pessoa, em contexto, é o que, na verdade, importa para o estudo (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

e) **A incerteza**: defende que, no pensamento narrativo, as interpretações dos eventos podem ter sempre um outro sentido, um senso provisório, geralmente expresso com um tipo de incerteza sobre o significado de um evento. Com isso, cada interpretação precisa ser considerada como uma possibilidade provisória, porque é possível lançar diferentes olhares para uma mesma situação ou coisa. Assim, a atitude, em uma perspectiva narrativa, é a de fazer o melhor, considerando as circunstâncias e a consciência de que há outras possibilidades de interpretação e outros modos de explicar as mesmas coisas.

Portanto, por se tratar de uma escrita autobiográfica, os 10 (dez) episódios selecionados são redigidos em primeira pessoa e apresentados de forma cronológica. Cabe esclarecer que as narrativas da autora-pesquisadora foram retiradas de um memorial, produzido na disciplina de Didática, como atividade avaliativa. Na elaboração do texto, foi solicitada a apresentação de memórias que antecederam a entrada no ensino superior, bem como os motivos para a escolha do curso de Pedagogia. Os episódios são analisados à luz das teorias que fundamentam a formação de professores, suas experiências, motivações e transformações mediante a análise do memorial.

MEMÓRIAS E NARRATIVAS DA AUTORA-PESQUISADORA

Nesta seção, são descritos os episódios que integram as narrativas acompanhadas de suas análises. Entende-se que o ato de narrar experiências e aprendizagens resulta não somente da organização, articulação e apresentação de um memorial em si, mas, sobretudo, da dimensão social e temporal em que os fatos ocorreram. Os registros do memorial, dessa forma, auxiliaram no resgate das experiências e das memórias que levaram ao ingresso no curso superior e a consequente permanência. Para tanto, apresentam-se, no decorrer do texto, as narrativas da jornada acadêmica, as dificuldades, os desafios e a superação ao longo da graduação em Pedagogia.

Como tudo começou

Fatima Rodrigues, nascida na cidade de Restinga Seca, no ano de 1981, casada, mãe de dois meninos e uma menina. Nascida em uma família com pais de baixa escolaridade, sou mais uma entre tantas pessoas que tiveram uma infância com diversas restrições e a trajetória escolar marcada por bullying.

Nesta primeira narrativa, é possível perceber que a trajetória de vida sempre tem um começo marcante e não é diferente no caso da autora-pesquisadora. Aqui, pode-se perceber uma realidade que deixou marcas logo na primeira infância: pelas poucas condições econômicas da família, o *bullying*, na trajetória escolar, é causado por diversos fatores, principalmente pela situação econômica precária. A autora-pesquisadora ia para a escola usando roupas e calçados doados, muitas vezes, maiores que o tamanho usado e, em outras vezes, menores que o necessário, o que era motivo de gozação e riso de colegas.

A consciência de que essas situações constrangedoras, vivenciadas na infância, era *bullying* só foi tomada mais tarde, com o avançar da escolaridade. Como se observa, violência física ou psicológica que causa dor, angústia e humilhação à criança sempre existiu nos contextos escolares. Mais recentemente, o *bullying* passou a ser tratado em termos de lei, como ocorre no município de Santa Maria, RS⁴. Essas experiências fazem parte da história de vida da pesquisadora e que, no entender de Josso (2004), são marcas de uma trajetória individual, feita de si mesmo e daquilo que se traz do coletivo e que, muitas vezes, geram insegurança na criança e que, possivelmente, permanecerão com ela na fase adulta.

A Infância, a escola e o trabalho

Nessa época, morava com minha avó, quando nossas roupas ficavam velhas e rasgadas, minha avó costurava-as colocando remendos, mas costurava retalhos diferentes da peça de roupa, ou seja, parecíamos uns “espantalhos”, com as roupas todas costuradas com remendos diferentes. Da mesma forma, minha avó nos mandava vender na rua e nas casas milho verde e mandioca que eram cultivados na roça para ajudar nas despesas de casa, isso também fazia com que sofrêssemos bullying na escola.

“Espantalhos” foi o termo definido pela autora na narrativa. Aqui, ela descreve a época em que morava com a avó e, por conta da precária condição financeira, costurava suas roupas com os tecidos que estivessem disponíveis. Fica evidente que a preocupação da avó não era com a “padronagem”, tampouco com a “combinação” das estampas, seu cuidado e amor ficam

⁴ O Art.2º da lei nº 5427, de 14 de janeiro de 2011, § 1º. Constituem práticas de *bullying*, sempre que repetidas: I. ameaças e agressões verbais e/ou físicas como bater, socar, chutar, agarrar, empurrar; II. submissão do outro, pela força, à condição humilhante e/ou constrangedora na presença de outros sujeitos (SANTA MARIA, 2011).

evidenciados pelo fato de não deixar a neta andar com roupas rasgadas. Infelizmente, a sociedade segue não acolhendo pessoas nessas condições. Sendo assim, as experiências participam dos processos de formação da pessoa.

Quanto a isso, Josso (2004, p. 49) apresenta três gêneros de aprendizagem e conhecimento:

- a) as aprendizagens e conhecimentos existenciais (como é que eu me conheço como ser psicossomático?);
- b) as aprendizagens e conhecimentos instrumentais e pragmáticos (como é que eu me conheço como ser capaz de interagir com as coisas, a natureza e os homens?);
- c) as aprendizagens e conhecimentos compreensivos e explicativos (como é que eu me conheço como ser capaz de representações?).

Se isso for levado em conta, então, para a experiência coletiva acontecer, deve haver vivências individuais em processo de reflexão e aprendizagem. Destaca-se o item “a” pelas aprendizagens e conhecimentos existenciais que trazem à tona questões que acompanharam a criança na fase adulta, especialmente, quanto ao seu nível de encorajamento, autoestima, segurança. Por conta disso, vale destacar o papel fundamental dessas estruturas na psique de uma criança e, mais tarde, enquanto adulto.

Anos finais do Ensino Fundamental

Aos 15 anos, estava estudando na escola. Me adaptei facilmente pois sempre tive facilidade durante a minha juventude. Minha relação com colegas e professores sempre foi positiva, nunca tive do que reclamar de nenhum deles, sempre buscavam me ajudar em tudo, pois sabiam da minha triste história rodeada de bullying durante o ensino fundamental. Aos 18 anos, fiquei grávida do meu primeiro filho, motivo pelo qual tomei a decisão de parar com os estudos. Estava no 8º ano do Ensino Fundamental.

É possível observar, nessa narrativa, a influência que a escola exerce quanto ao emocional e afetivo de uma criança ou adolescente. A autora descreve o quanto se sentia aceita e protegida no ambiente escolar, onde encontrou apoio, ajuda, compreensão. Observa-se que, mesmo com o ambiente acolhedor e com o auxílio dos professores, ao descobrir a gravidez, a autora decide parar os estudos. Josso (2004, p.48) chama isso de “trabalho reflexivo sobre o que passou e sobre o que foi observado e sentido”. Ou seja, para se tornar uma experiência, essa vivência deve ser sentida num aspecto individual, dentro das subjetividades de cada pessoa.

Ensino Médio na modalidade EJA

Minha participação no Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocorreu em dois momentos. O primeiro foi na EJA Dom Antônio Reis, no ensino fundamental em Faxinal do Soturno, com 17 anos de idade. O segundo momento foi no ano de 2016, no NEJACP Mario Quintana, no município de Santa Maria, quando estava com 27 anos, nessa época

eu estava na minha terceira gestação. A escolha por retornar aos estudos através do NEJA, Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, foi por ter pausado minha vida escolar por conta das minhas duas primeiras gestações e por ser uma maneira mais rápida e de certa forma eficaz para que eu me introduzisse no mercado de trabalho. Pensava que, por falta de tempo e condições econômicas para completar a Educação Básica, a EJA seria a melhor forma de conciliar os estudos com as atividades domésticas e de criação dos filhos. Já no NEEJACP Mario Quintana, para o qual retornei aos 27 anos, também me adaptei facilmente e fui muito bem recebida por todos na escola, minha relação era totalmente harmoniosa com todos.

Como se sabe, essa é a realidade de grande parte de jovens e adultos que, por alguma razão, precisaram abandonar os estudos durante a educação básica. Nessa narrativa, a autora-pesquisadora aponta cinco pontos relevantes a serem observados. O primeiro trata do seu ingresso na EJA, Ensino Fundamental, em uma determinada instituição, aos 17 anos, época em que também precisou abandonar os estudos por causa da primeira gestação.

Por conseguinte, dez anos mais tarde, ingressou em outra instituição, já mãe do terceiro filho (nesse caso filha). Aqui, ela buscou acelerar o processo de conclusão do Ensino Médio, visando ao mercado de trabalho, com a possibilidade de conciliar as atividades familiares. Nessa narrativa, observa-se, mais uma vez, o quanto a autora-pesquisadora foi acolhida pela escola e ressalta o conhecimento adquirido por meio da experiência individual, que molda a experiência coletiva. Isso dá subsídios à formação, levando à conclusão de que individualidade e coletividade andam juntas neste processo (JOSSO, 2004).

Expectativas de continuidade dos estudos

No ano de 2017, após ser aprovada em uma universidade, via EAD, realizei o vestibular de inverno para ao curso de Pedagogia na Universidade Franciscana. Naquele ano, me senti extremamente feliz e não sabia o que fazer depois do resultado que obtive, não fazia ideia da importância de pôr a faixa de “bixo” com o meu nome e o estímulo que isso me traria mais adiante. Não sei detalhar o tamanho da minha emoção quando vi ali a minha capacidade externada, me senti importante e capaz. De fato, aquele dia foi de extrema importância para mim, me senti a mulher mais forte do mundo. Minha família foi a minha maior rede de apoio, nossa felicidade foi conjunta, vibraram junto comigo, me ajudaram mais do que qualquer pessoa e, por fim, meus filhos mais velhos me auxiliaram com a irmã mais nova.

Nesta narrativa, identifica-se a continuidade dos estudos, mesmo passando por algumas dificuldades em sua trajetória escolar e pessoal. Chama a atenção o ponto em que diz: “... *me senti a mulher mais forte do mundo*”. Percebe-se a importância da realização na vida de um ser humano, o quanto ainda é importante colocar-se no lugar do próximo e, principalmente, querer conhecer cada pessoa, seus processos formativos, o que passou para chegar onde chegou. Em relação aos processos formativos, as vivências e experiências são distintas, mas, segundo Josso (2004), uma vivência pode ou não se tornar significativa na formação.

Com base nessa perspectiva, as narrativas presentes carregam as experiências passadas, junto aos anseios de um futuro incerto, visto que não vivenciado. Na vida escolar, em que passou por situações difíceis, e com dificuldades de aprendizado, a autora sempre quis dar continuidade aos estudos para buscar uma colocação no mercado de trabalho e para servir de exemplo aos três filhos.

Curso de Pedagogia: realidade e barreiras

O primeiro e segundo semestres do Curso de Pedagogia foram totalmente desafiadores. Como não tive uma base educacional forte, enfrentei inúmeras dificuldades com a rotina acadêmica. Todo o entusiasmo, alegria e sentimento de empoderamento experimentado com o ingresso no ensino superior, se transformou em incapacidade, inadequação, insegurança, medo, ao mesmo tempo que não soube conciliar as atividades da família com as exigências da Universidade. Além das dificuldades citadas, para minha surpresa, passo novamente por uma experiência de bullying manifestado em atitudes de desprezo por parte de colegas. Em diferentes circunstâncias, principalmente nos trabalhos em grupo, fui excluída por não saber me expressar, por ter dificuldade de aprendizado e pouco conhecimento. Determinadas colegas, nunca manifestaram interesse em convidar-me para trabalhar juntas. Sempre ficava por último e o ingresso a um grupo de trabalho só ocorria com a mediação do professor (a). Essas situações me assolaram por alguns meses, até que consegui constituir minhas amizades. Enquanto passava pelas situações boas e ruins, acabava me cobrando para dar o melhor de mim, para conseguir a aceitação do grupo.

Essa análise refere-se à história de vida da autora-pesquisadora, as dificuldades financeiras enfrentadas pela família, o fato de precisar morar com a avó, o reflexo do *bullying* na infância, o sentimento de vergonha, a inadequação, o medo e a insegurança retornam e se inserem, agora, na vida acadêmica. É incrível como há enganos em relação a pessoas e contextos, porque sempre se tem em mente que o processo de rejeição, o *bullying*, e a exclusão somente acontecem com crianças e jovens, visto a tenra idade e imaturidade do ser. Agora, presenciar esse tipo de atitude entre pessoas adultas, convivendo em um mesmo ambiente acadêmico, frequentando uma universidade conceituada, isso ninguém esperava.

Com exceção das colegas, consideradas amigas, a percepção sobre a turma de entrada, em geral, é bastante negativa. Durante todos os semestres, os demais colegas demonstravam total desinteresse no que tinha a dizer e se mostraram extremamente desunidos. Já em relação aos professores, nunca houve motivos para queixas, porque foram parte desse apoio tão necessário. Acredita-se que é relevante trazer à tona essas questões, porque, sabe-se lá, quantos estudantes universitários passaram ou passam também por *bullying*? Na época, os momentos “ruins” estavam relacionados ao ato de falar em público, como na apresentação de trabalhos em aula. A sensação

de ser constantemente vigiada e avaliada por olhares de deboche assustava. Mas os momentos bons de convivência com as colegas compensavam.

Por isso, as trocas no estudo, quanto afetivas, começam a dar energia para continuar. É uma caminhada ou, conforme afirma Josso (2004, p. 58), um “caminhar para si”. Ou seja, esse percurso auxilia na resolução de situações presentes e futuras. Durante as boas experiências, a sensação era excelente. Já nas situações ruins, o desânimo era tão grande que o desejo era desistir. Quanto à formação de professores, pode-se perceber a relevância do processo formativo, em perspectiva histórica. Até o século XVIII, especialmente na segunda metade, a educação contava com o monopólio da Igreja. Ou seja, ela decidia quem iria atuar na profissão e de que forma. Os religiosos tomavam a vez de professores e acabaram por elaborar métodos e técnicas que repercutiram na Europa e fora dela (NÓVOA, 1999b).

As ideias do Iluminismo acabaram nos meios educativos. O Estado passou, com o tempo, a tomar conta da educação. Porém, essas bases ainda vinham dos valores e normativas religiosas. Assim, conforme Nóvoa (1999b, p. 15), o sistema "prolongou as formas e os modelos escolares elaborados sob a tutela da Igreja, dinamizados agora por um corpo de professores recrutados pelas autoridades estatais". Com o tempo, houve transformações dentro do campo educacional. Novos métodos de ensino surgiram e debates ocorreram entre os educadores. Assim, a educação ficou ainda mais no poder do Estado, tornando a profissão mais especializada e mais independente da Igreja. No final do século XVIII, a partir do momento em que se tem licença para atuar no ensino, havia requisitos para o trabalho na docência, e o Estado era quem dava esse aval. Isso levou a uma relação entre educação e finalidade social, pois, além de "*agentes culturais*", os professores eram também "*agentes políticos*" (NÓVOA, 1999b, p. 17). Ainda, nesse quesito, surgiram as escolas normais, como uma nova forma de elaboração de conhecimentos pedagógicos, trazendo a cultura profissional.

Contudo, ainda havia certa incerteza sobre o profissional docente. Segundo Nóvoa (1999b, p. 18), os professores

não são burgueses, mas também não são do povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia, etc.

O que o autor traz são nuances que ainda estão presentes no meio docente, em maior ou menor escala. Vale ressaltar também a "*feminização do professorado*", fenômeno que se torna

visível na viragem do século e que introduz um novo dilema entre as imagens masculinas e femininas da profissão" (NÓVOA, 1999b, p. 18). Até os dias atuais, ainda há debates sobre isso, especialmente entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais, pela tradição de que o atendimento às crianças é função das mulheres.

Curso de Pedagogia: Alavancas e amizades

Foi a partir do terceiro semestre do curso que começaram os momentos bons, pois já fazia parte de um grupo de colegas, que me acolheram, e me aceitaram como eu sou. Essas, foram e são mais que colegas, são amigas que se tornaram um lugar seguro e de ajuda mútua. Com isso, pude contar com o apoio incondicional, o que foi extremamente importante para que eu desse continuidade à minha formação. Com o tempo, e com a ajuda das minhas parceiras de jornada acadêmica, aos poucos consegui superar algumas dificuldades, entrar na rotina, conciliar as coisas que pensei que não conseguiria. Recebi muito apoio de vários educadores, que percebiam a minha exclusão em sala de aula e permitiam sempre que eu e minhas amigas fizéssemos os trabalhos juntos. Me sentia cada vez mais segura, forte e, de certa forma, acolhida no âmbito acadêmico.

A aprendizagem é constante e, no processo de formação, está atrelada à capacidade de reflexão e solução de problemas, como expressa a narrativa supracitada. Citam-se, mais uma vez, as contribuições de Josso (2004, p.58) sobre o conhecimento de si: “[...] permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos”. Vale ressaltar que os investimentos são permanentes. Por mais que existam “recortes” dessas experiências, especialmente quando são colocadas em pontos específicos, a exemplo da educação, as histórias de vida não têm encerramento. O processo é contínuo e, ao se elaborar uma narrativa própria, a reflexão daquilo que forma o ser se agiganta. Assim, tem-se uma história onde o sujeito está no lugar do autor de si mesmo.

A análise que se faz aqui é sobre a importância da rede de apoio para a continuidade e conclusão da graduação em Pedagogia. O apoio foi decisivo para a superação de dificuldades, bem como para a sequência de atividades no primeiro e segundo semestres do Curso.

Estágios e residência pedagógica

Devido à situação pandêmica, vivenciada nos anos de 2020 e 2021, grande parte dos meus estágios foram realizados pelo sistema remoto. Vivi isso de forma sucinta, foi tudo extremamente leve. Minha orientadora sempre me apoiou em tudo. No início, me sentia um pouco insegura, mas gradativamente fui me sentindo mais tranquila, até porque sempre tive minha rede de apoio que sempre esteve presente em todos os momentos. Na Residência Pedagógica, não foi diferente, sempre tendo o auxílio das minhas amigas e companheiras de todos os momentos. Nessa experiência,

descobri a plenitude e os horizontes da minha formação, a experiência em sala de aula me trouxe uma segurança que estava faltando dentro de mim, o contexto e o conjunto de sala de aula, “aluno e professora”, foi quando compreendi exatamente o que é ser professora “pedagoga”.

Nessa narrativa, observa-se que, para a autora-pesquisadora, a experiência docente fez toda a diferença, pois, nesse momento, o futuro professor se depara com a realidade e pode decidir se é esse o caminho que pretende seguir. É a prática pedagógica que oportuniza unir o conhecimento teórico à realidade da sala de aula e, com isso, refletir acerca da futura profissão, bem como definir a identidade profissional de ser professora.

Por meio de um estudo feito com professores, Cavaco (1999) promove um percurso em relação à trajetória profissional. Destaca que, nos primeiros anos da profissão, existe um período de insegurança e, por conta dos primeiros contatos com a realidade escolar, por mais que seja de seu conhecimento, sempre representa algo meio inédito. A autora aponta que os profissionais levam um tempo para se encontrarem na sua afirmação profissional. Nem sempre encontram ambientes amistosos e/ou convidativos. Isso leva a uma "sequência de mal-estar profissional/frustração/desânimo/descrença/cepticismo/fechamento à mudança e possibilidades de inovação" (CAVACO, 1999, p. 168). Com isso, há um desestímulo profissional. A autora adverte que as escolas façam o acolhimento dos novos professores de maneira a estimular a reflexão e a valorização docente. O ambiente escolar deve ser diverso, isto é, deve-se aproximar ao máximo de uma relação coletiva. Nesse sentido, é necessário que o professor em formação seja amparado e preparado para as possíveis adversidades no início da formação continuada, como na pós-formatura.

Monitora de disciplina e a arte de ser professora

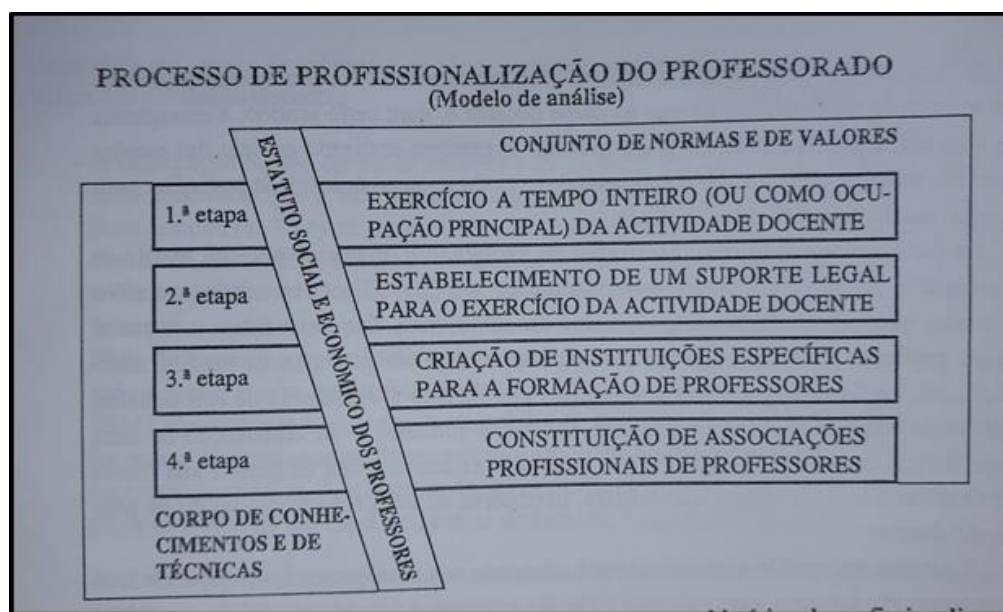
No último semestre do curso, tive a oportunidade de adquirir mais uma experiência acadêmica como monitora na disciplina de Seminário Integrador V: Modalidades de Ensino e Diversidades. Foi uma experiência gratificante, e satisfatória. Tive a liberdade para pensar e agir da forma que julgo correta dentro desse espaço, entregando o melhor de mim para a turma e auxiliando as colegas para que elas não vivam a exclusão que eu vivi.

Nessa última narrativa, a autora-pesquisadora mostra que, aos poucos, as coisas foram se alinhando dentro do curso de Pedagogia. Diante das exigências institucionais para a conclusão do curso, sentiu que a responsabilidade profissional “bateu à porta” e exigiu dedicação aos estudos e

à busca por novos conhecimentos. A constituição de uma rede de apoio com colegas-amigas foi fundamental para manter a boa relação com professores e para chegar à conclusão do curso. Em termos práticos, a autora aprendeu a separar a vida pessoal do universo acadêmico e, com as coisas em ordem, a felicidade começou a fazer parte do dia a dia.

Assim, no decorrer do processo formativo, bem como de sua trajetória de vida, com o apoio para que chegasse onde chegou, a autora-pesquisadora expressa satisfação em estar vivendo uma nova experiência e reafirma o seu cuidado com as novas colegas, para que não vivam a provação a que foi submetida no início do curso superior. Nóvoa (1999a) ilustra a importância de um associativismo entre docentes, o que torna mais palpável a profissionalização do professor, aspecto descrito na Figura 1.

Figura 1 - Processo de profissionalização do professorado



Fonte: Nóvoa, António (1999)

Com esse modelo de análise, o autor propõe um paralelo com as atuais demandas dos professores. Na primeira etapa, que trata do exercício em tempo integral ou como principal atividade, ocorre um choque entre fatores internos e externos que podem tornar, ou não, essa etapa possível. Segundo o autor, essa "questão ainda está na ordem do dia, na medida em que os professores buscam, no *exterior*, os estímulos (econômicos, culturais, intelectuais, profissionais, etc.) que, muitas vezes, não conseguem encontrar no *interior* do ensino" (NÓVOA, 1999a, p. 24).

Na segunda etapa, relativa ao estabelecimento de um suporte legal na atividade docente, o Estado se torna importante nesse processo a partir da garantia de equidade social, bem como de estruturas adequadas para tal. Porém, deve afastar-se da regulamentação e prescrição, direcionando-se ao encontro do acompanhamento e da avaliação, com maior autonomia aos professores. Na terceira etapa, a formação de professores deve passar pela autonomia das instituições que formam esses profissionais. Essa formação deve ultrapassar a teoria e a prática. Na quarta e última etapa desse modelo, de acordo com a visão do autor, em sua atuação como docente, em Portugal, a forma associativa dos professores foi importante para a formação da profissão docente. Porém, ela não deve se ater apenas a isso. Para o autor, elas não podem se resumir em associações de disciplinas (como História, Geografia, Matemática, etc.). Elas devem se articular com os debates entre as tendências pedagógicas, bem como do pertencimento à profissão, associado a um poder profissional. Com isso, uma "reconfiguração da profissão docente e o desenvolvimento de comunidades escolares autônomas constituem condições necessárias ao aparecimento de um novo associativismo docente, agente coletivo de um poder profissional cuja legitimidade não reside apenas numa delegação de competências do Estado" (NÓVOA, 1999b, p. 27).

Cavaco (1999) aponta para a diversidade de cada escola. Como as manifestações de cada escola são específicas, a forma, como elas se relacionam, diferencia as escolas entre si. Com isso, pode-se encontrar mais rigidez ou mais flexibilidade, a depender da forma como esses elementos internos interagem. Portanto, com as constantes mudanças advindas das demandas contemporâneas, Cavaco (1999) aponta expectativas, associadas ao coletivismo. Para a autora, "se abrem estimulantes vias de descobertas e de desenvolvimento, enquanto o real parece confuso e movediço para muitos e, por isso, se escolhe o refúgio e a defensiva receosa ou arrogante" (CAVACO, 1999, p. 157). Há essa dispersão entre a mudança e o comodismo, o estático, ou seja, as expectativas da sociedade, que são difusas, refletem-se no que se quer para a escola, explica a autora.

Assim, as contradições existentes na escola "atravessam todos os níveis nas relações interpessoais, geram desconforto e mal-estar, provocam desconfianças e autolimitações, mas que se mantêm ocultas nas rotinas da sala de aula ou na animação dos corredores e espaços de convívio [...]" (CAVACO, 1999, p. 158). A autora reforça que, no contexto escolar, oscila-se entre mediar novas formas de ensino e desfazer preceitos de educação que não mais se encaixam atualmente.

Fatima: quem foi e quem se tornou

A Fatima do primeiro semestre era pequena, invisível, uma mulher que não reconhecia a força que tinha, totalmente desestimulada para fazer o que sempre sonhou. A Fatima do passado, era uma menina mulher, frágil, insegura que observava tudo, sofria calada, não se posicionava.

Na atual conjuntura da vida, acredita-se que o apoio das pessoas é mais do que importante para a realização de sonhos. Palavras e atitudes podem desestabilizar ou incentivar uma pessoa e, hoje, com a maturidade que a vida trouxe, observa-se o quanto a mudança de realidade é possível. A autora-pesquisadora, chamada Fatima, hoje, é outra pessoa, mais segura e feliz. Alguém que se conectou verdadeiramente ao curso de Pedagogia, reconheceu a força interna que sempre teve e abriu os horizontes para o novo. A Fatima do presente é mulher, professora e mãe; vivenciou um longo processo de aprendizagem, é realizada, observadora, atuante quanto a injustiças e consciente de que os medos infantis estão no passado.

A essas aprendizagens, enfim, pertencem as experiências individuais e coletivas. Individual, na medida em que se tem singularidade e interpretação daquilo que se sente. Coletivo, onde há hábitos, costumes e trocas – orgânicas ou não. “As experiências que descrevem concretamente um processo de formação podem assim ser perspectivadas pela maneira como o autor da narrativa compreende a sua humanidade[...].” (JOSSO, 2004, p. 42). Assim sendo, a aprendizagem, no processo de formação, está atrelada à capacidade de reflexão e solução, isto é, análises baseadas em experiências que, *a posteriori*, são geradoras de conhecimento e sabedoria sobre a vida como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se responder à seguinte questão de pesquisa: Que relações podem ser estabelecidas entre a história de vida da autora e sua formação no curso de Pedagogia? Para atender ao problema formulado, estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: Compreender de que

maneira as relações estabelecidas, no contexto do Curso de Pedagogia, podem ter se constituído em barreira ou alavanca para a realização pessoal e profissional.

Para tanto, a análise de 10 narrativas pessoais possibilitou confirmar que foi, no curso de Pedagogia, que a autora teve a oportunidade de vivenciar inúmeros aspectos formativos, de cunho pessoal e profissional. Com a experiência de cada um desses aspectos, foi possível compartilhar um exemplo empírico, baseado em interlocuções entre teoria, prática e realidade pedagógica, ou seja, um processo no qual é possível confrontar diferentes dimensões das dinâmicas na formação inicial.

Considera-se, nesses termos, que todas as experiências relatadas neste estudo foram fundamentais para a formação acadêmica, sobretudo para a vida pessoal da autora. Por mais que se fizessem “recortes” dessas experiências, especialmente quando foram colocados pontos específicos, a exemplo do *bullying*, especialmente na infância e no curso de Pedagogia, as histórias de vida não têm encerramento. Portanto, a conclusão a que se chega é que o processo formativo é contínuo e, ao se elaborar uma narrativa própria, traz-se à reflexão aquilo que é formador ou fundamental na formação, notificando a existência de uma história onde o sujeito, literalmente, está no lugar do autor de si mesmo.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, D.M. T. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. *In*: MARTINELLI, M.L. (org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.
- CAVACO, M.H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999a, p. 155-187.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Tradução Grupo de pesquisa narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.
- GRACIANO, D. **Infância, trajetória escolar e identidade profissional: um estudo de natureza narrativa**. 17 p. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Franciscana. Santa Maria, RS, 2020.
- JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2004.
- MOITA, M.C. Percursos de formação e transformação. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1999b, p. 111-140.

NÓVOA, A. Professores e as histórias de sua vida. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1999a, p.11-30.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. *In*: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999b, p. 13-34.

RODRIGUES, J.S.M.; BOER, N. Ensino e formação docente: caminhos percorridos até chegar à docência. **Disciplinarum Scientia, Ciências Humanas**, v. 18, n. 1, 2017, p. 117-135. Disponível em: <https://www.periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/2180/1966>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SANTA MARIA. **Lei municipal nº 5427, de 14 de janeiro de 2011**. Dispõe sobre o desenvolvimento da prática de “antibullying” por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos no âmbito do município de Santa Maria. Disponível em: https://www.cosmosbr.org.br/PDF/LM_5427_ANTIBULLYI.pdf. Acesso em: 12 nov. 2022.